

SERMÃO DE SÃO GASPAR BERTONI – 22/02/1803



PREPARAÇÃO À SANTA PÁSCOA  
O JEJUM QUARESIMAL DEVE SER ENCARADO COM ALEGRIA

Vê-los, irmãos, recolhidos nesta igreja com tanta piedade, num tempo em que o mundo lhes apresenta enganadores convites e sedutores prazeres para afastá-los do recolhimento cristão, é uma grande satisfação que não pode deixar de atingir muito ternamente e comover um coração que ama sinceramente o bem de vossas almas, com eu confesso que é o meu. É fácil, pois, conjeturar qual seja o amor de suas almas, a fome da divina palavra, o fervor do divino obséquo que prevalece em vocês, em confronto com as mais fortes, enganadoras e convidativas atrações do mundo.

Animado por disposições tão boas, eis-me expondo-lhes simplesmente e sem mais preâmbulos, o que não acharia oportuno fazer, senão com muita cautela. Desejo e pretendo dispor suas ânimos para acolher com alegria o já próximo jejum quaresmal. Talvez lhes seja inesperada a minha proposição. Mas, eu bem sei quanto lhes importa o que deve ser feito por vocês, por necessidade, se faça com presteza, quase por escolha.

1. OS EXERCÍCIOS DA PENITÊNCIA CRISTÃ CONSERVAM OU RESTITUEM A SAÚDE DA ALMA.

Só lhes peço uma coisa, irmãos: que ao julgar não se deixem jamais prevenir pela primeira aparência, e muito menos pelo imprudente e prejudicado costume; mas pesem com a mente bem tranqüila toda a razão. Assim fazendo, descobrirão facilmente como os prazeres lascivos e as excessivas devassidões foram sempre a causa funesta de onde provêm as piores doenças e a morte fatal das almas. Por isso o jejum quaresmal, com todos os outros exercícios da penitência cristã que o acompanham, é o remédio mais seguro e válido para reparar a saúde perdida ou conservá-la, como algo que corta o mal por sua verdadeira e principal raiz.

2. EXEMPLOS DA HISTÓRIA SAGRADA.

Nos tempos de Abraão, várias cidades eram dominadas por mal tão espantoso e pestilento, que o próprio Deus, julgando-o incurável, resolve consumir com fogo os numerosos habitantes de cinco cidades inteiras, ao invés de sepultá-las – como fez outras vezes – sob a ruína de suas casas, para que pelo contagioso mau cheiro não fosse prejudicado o resto do mundo (Gn 19,24-26). Perguntem a Ezequiel qual a verdadeira causa de tão grande mal. Ele responderá que não foi outra, senão terem eles, entre o luxo, o ócio e a abundância, saciado exageradamente o próprio ventre (Ez 16, 49-50).

Do povo hebreu – tirado do Egito, nutrido e criado com solicitude pela Providência de Deus em um deserto, estando já nas fraldas do Sinai, expectadores de celestes prodígios e

aguardando a Lei – afirma a História Sagrada – que sentando-se para comer e para beber, levantou-se depois para se divertir. Debaxo desse nome honesto de diversão estão escondidas as mais velhacas e infames desonestidades (Ex 32,6).

O homem, depois do pecado original, ficou com a natureza tão fraca e debilitada, quase como um enfermo que qualquer pequeno distúrbio é suficiente para levá-lo à morte. Deus havia providenciado antecipadamente tão grande dano exigindo desde o paraíso terrestre um rigoroso preceito de abstinência e jejum (Gn 2,17). Felizes de nós, se nossos pais o tivessem observado! Embora em nossa miséria, nós ainda poderemos ser felizes, se alertados pelo seu erro e pela nossa ruína, soubermos nos servir de tal remédio, tão necessário quão eficaz.

O caso de Nínive é uma grande prova muito convincente do valor e da força desse remédio. A salvação daquela desventurada cidade havia chegado a tal ponto de desespero, que um profeta especialmente mandado por Deus, já lhe havia vaticinado absolutamente sua sepultura debaixo de suas ruínas após um breve período de quarenta dias. Porém, logo que aqueles condenados cidadãos, levados pelo temor a procurar no jejum o último remédio a seus males, começaram resolutamente tentar a prova, as coisas mudaram de aspecto. Deus foi aplacado. Eles com toda facilidade obtiveram o perdão e até foi mudado o decreto, que pelo anúncio parecia inalterável (Jn 3). Vejam vocês agora com quanta força e presteza o jejum consegue operar curas tão prodigiosas mesmo nos casos mais desesperados.

### 3. EXEMPLO DO SANTO EVANGELHO.

Observem novamente sua eficácia tanto quanto sua necessidade, em um outro acontecimento referido no Evangelho. Voltavam um dia os discípulos, tristes, para o Divino Mestre, depois de haver tentado em vão muitas vezes expulsar o demônio de um posseso. Tentaram com o poder que Ele lhes havia comunicado e do qual haviam experimentado até então inúmeras e infalíveis vezes. Mas ficaram espantados quando ouviram dele esta bela resposta: “Esta espécie de demônios só se pode expulsar à força de oração e jejum” (Mt 17,21).

Era realmente daquela raça mais imunda e mais suja, aquele demônio. Aliás, o mesmo que em nossos dias se apossou do coração da maior parte dos nossos cristãos, tanto que pode ser chamado de “deus deste século”. Para combater, pois, um mal tão dominador, o jejum se torna tão necessário, que a própria oração – que também é exigida para a cura – ela mesma tira dele sua força para agir. O Espírito Santo diz em outro lugar que a oração é coisa boa, mas unida ao jejum: “Boa coisa é a oração acompanhada de jejum” (Tb 12,8). É de fato o jejum que torna a mente leve, rápida, livre, e que lhe empresta asas para subir até Deus. Cessem, pois, suas queixas, ó cristãos, que suas orações se tornam vazias, que crescem cada dia mais as tentações a serem vencidas, que jamais encontram meios para se livrarem de suas enfermidades. Prestem bem atenção que aquilo ao qual os maiores exorcismos são inúteis, só o pode conseguir e de fato se consegue com o remédio eficaz e adaptado, o jejum.

### 4. O JEJUM BENEFICIA TAMBÉM O CORPO.

Não pensem, porém, que toda utilidade do jejum fique só na alma, não restando para o pobre corpo senão aquele pouco de amargo e desagradável que quase todos os bons remédios produzem. Eu queria que me ouvissem bem todos aqueles que, ou por malícia, para desacreditar as leis – mesmo tão discretas e suaves – da santa Igreja Católica, ou por falsa preocupação da mente, exageram – com grande escândalo dos fracos – os incômodos do jejum. E gostaria ainda que me ouvissem os mais tímidos e delicados cristãos, levados por um falso amor próprio, que vêem a quaresma com horror, quase como um martírio ou uma carnificina. Não sabem eles como o jejum é um remédio uti e necessário para manter saudável aquele corpo

pelo qual tanto temem; aliás, para prolongar a vida de que tanto se penalizam. Se não acreditam em mim, acreditem no Espírito Santo, que diz no Eclesiástico: “Muitos morreram por causa de sua intemperança, o homem sóbrio, porém, prolonga sua vida” (Eclo 37,34). Pelas devassidões, muitos, logo e antes do tempo, terminaram sua vida; a abstinência, pelo contrário, é o meio mais certo para prolongar a vida. Assim é. Aquele prazer, aquele deliciar-se entre banquetes e taças, aquele não saber mais negar satisfação à gula, com o que presumem manter o corpo mais vigoroso e mais longamente, é o que mais o prejudica, o corrompe, o suicida. E a mortificação, a sobriedade, a abstinência que eles odeiam como inimigo capital da saúde do muito amado corpo, é o que o melhora, o confirma, o conserva.

## 5. EXEMPLO DOS ANACORETAS E DOS RELIGIOSOS MAIS AUSTEROS.

Os rígidos penitentes das desérticas solidões lutavam até à tarde contra a fome e a sede; e quando o sol estava no ocaso, ervas amargas e insípidos frutos das plantas selvagens eram seu alimento cotidiano; as águas frescas das fontes vizinhas, sua simples e costumeira bebida. E com alimentação assim tão magra viviam muito bem por cem anos.

Finalmente em nossos tempos observem aqueles religiosos que vivem fechados no claustro mais austero e praticam a maior penitência. Eles observam um jejum quase diário, e uma quaresma perpétua, sem olhar outros exercícios que afligem seus corpos; pois pisam com os pés descalços a neve e o gelo do inverno mais áspero, e caminham com a cabeça descoberta debaixo dos raios ardentes do sol de verão, dormem sobre tábuas nuas ou sobre rala palha, e interrompem o breve sono com longas salmodias. E contudo entre eles se encontram a santidade mais robusta e a velhice mais avançada e feliz que em vão se procura nas casas ricas, repletas dos mais delicados e bem alimentados mundanos. Portanto é verdadeira a sentença do Espírito Santo que a arte de prolongar a vida é a abstinência.

## 6. DISPONHAMO-NOS PARA IR COM ALEGRIA AO ENCONTRO DO JEJUM QUARESIMAL.

Se as coisas são assim, e o jejum quaresmal é um remédio não somente útil, mas necessário para a salvação da alma, porque não irmos ao seu encontro alegres e cheios de júbilo? Deixemos, pois, que os mundanos se alijam com o término próximo dos seus divertimentos. Nós, ao contrário, exultemos com a aproximação desse tempo, para nós tão felizes, de penitência. Chamem eles de festas alegres esses dias de tumulto, de festança, de pecado; nós com mais razão faremos festas nos dias em que afastados dos escândalos e perigos de perder a alma, gozaremos de paz, felicidade, tranqüilidade na segurança da boa consciência.

No entanto, o Evangelho brada: “Ai de vós que agora rides, porque gemereis e chorareis” (Lc 6,25); “Mesmo no sorrir, o coração pode estar triste, a alegria pode findar na aflição” (Pv 14,13). Quão triste é amar as presentes consolações do mundo, que logo passam, e descuidar a eterna felicidade que jamais se perde! Que adiantará àqueles infelizes no momento da morte, haver gozado? “Ai – diz um Profeta – daqueles que chegam àquela hora extrema dormindo em leitos cômodos, e que luxuriosamente vivem entre comodidades e delícias, preparam as mesas com os mais gordos e delicados alimentos, bebem o vinho mais fino, e perfumam o ambiente com os mais preciosos odores, julgando todas essas coisas como duráveis e não como fugazes e passageiras” (Am 6,1-3-6). Ai deles! “Felizes, ao contrário, aqueles que choram porque serão consolados” (Mt 5,4). Ó quanto se apreciará naquele dia feliz a penitência! Quão afortunada a solidão! Que preciosos os sofrimentos! “O mundo se há de alegrar, dizia Cristo, e haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se há de transformar em alegria e ninguém a poderá tirar” (Jo 16,20-22).

Amemos, pois, o que dura e desprezemos com energia o que logo termina. Cuidemos da alma. Pensemos em purificá-la, curá-la, se enferma, conservar-lhe a saúde que goza atualmente e também para o futuro. Não imitemos as crianças que recusam os remédios mais saudáveis porque deixam-lhe um pouco de amargor na língua. Olhemos os santos, o que fizeram, sofreram, suportaram pela salvação da própria alma. Somos cristãos. Cristo com seu exemplo nos animou a tomar de boa vontade esse remédio, enquanto Ele próprio, por quarenta dias, observou um apertado jejum. E nós procuraremos exceções, encontraremos alguma desculpa para nos dispensar, nós que temos tanta necessidade? E nos parecerá muito um pouco de jejum para conseguir o paraíso, onde seremos eternamente saciados por uma imensa felicidade? E nos parecerá muito quarenta dias de uma penitência tão suave, para fugir de um fogo interminável, e de uma eternidade de tormentos que talvez nos estejam preparados por causa dos nossos graves pecados?

Pensemos assim. E com tais pensamentos disponhamos nosso ânimo para entrar com muita alegria na santa quaresma, onde bem purificados de nossas culpas, pelo jejum, e ornados de santas virtudes, nos tornemos dignos de participar com fruto da mesa Eucarística aqui na terra, para sermos depois introduzidos no eterno banquete no Céu.



CARTA Nº 47 A LEOPOLDINA NAUDET

Conselhos e sugestões prudenciais assaz cautelosos pela resposta de uma carta que veio de Roma. Parece que “um sujeito respeitável”, assaz distinto, se ofereça a Leopoldina, como intermediário de assuntos com a Cúria Romana e o próprio Pontífice. Desterro a vínculos e liames – sugere o Servo de Deus: porém, fazer de modo a poder, quando ocorrer, também valer do conselho e do trabalho de tão preciosos sujeitos e sintetiza com um lema de S. Paulo que lhe é característico: “Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo” – cf. “Il Ven. Gaspare Bertoni”, parte III, C. X, p. 188. os particulares nas notas.



“Minha Senhora,

Tive grande consolação ao ler as cartas anexas, especialmente aquela de Roma (1). A resposta que a senhora propõe dar parece-me simples, prudente na substância, e por isso segundo Deus (2). Quanto ao modo e aos acidentes, acrescentarei que a senhora acompanhasse essas declarações com aquelas expressões que a sua destreza saberá encontrar e colocar a propósito, daí, enquanto se esquivava do que pode ser prejudicial, não se priva do que poderá ser útil. Explico-me.

Seria prejudicial ter vínculos e ligações; mas seria, parece-me, útil estar livres para poder valer-se do conselho, do favor, do auxílio, em qualquer tempo, em qualquer circunstância, de pessoas tão distintas e respeitáveis. É bom não ter ligações de dever valer-se dessas pessoas; mas é bom ser livre e poder valer-se quando for necessário. De maneira que, veja a senhora, no momento em que se desvincula, – como é vontade do S. Padre e de S. Inácio, – de uma ligação inconveniente (3), de deixar intato, antes, de apertar o mais forte possível aquele vínculo de caridade, o qual é livre e não se deve desatar.

“Não devais nada a ninguém, a não ser o amor mútuo” (Rm 13,8). Eis nessas palavras de S. Paulo infinitamente mais do que eu jamais saberia dizer: e lhe ensina como, e com que medida, e com qual discrição deva a senhora escrever. Por este amor e dileção se consegue o que em outro lugar escreve o mesmo Apóstolo: “Tudo pertence a vós: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo” (1Cor 3,22).

Não se perturbe a senhora, se a sua declaração chegar tarde, porém basta que chegue. Nós devemos seguir a vontade divina que se diz de SINAL, isto é, que nos é mostrada segundo as normas que temos para conhecê-la; e depois adorar a vontade de BENEPLÁCITO quando nos for manifestada pelos fatos. No entanto, nos convém ter boa fé, enquanto sabemos que “Ele satisfará o desejo dos que o temem” (Sl 144,19).

Advirta ainda a Senhora de guardar cópia destas cartas que responde; e veja também (de) escrever possivelmente de modo que se torne útil se a carta for revelada. O Senhor abençoará seguramente estas pequenas atenções, que se usam para servi-Lo: onde não se procura senão o melhor interesse para sua glória. Ele, pois, fará as coisas grandes, isto é, conforme sua categoria. E nós O bendiremos e O agradeceremos.

Espero que o Senhor devagar conduza sua irmã ao seu lado. Ela procure avançar, que o Senhor a empurrará e estará a seu lado, para que não desvie, mas vá direitinho, direitinho (4).

À Senhora protesto minha mais alta estima e veneração

De casa, 5 de junho de 1814.

*Humílimo Devotíssimo Servidor*

*G. B. Indigno Sacerdote”*



(1) – Da França, supomos, e das Damas do S. Coração ou de quem por elas, com o acréscimo de uma, mais importante, de Roma. Argumentando sobre o que se seguiu, deveriam ser preliminares das práticas para a aprovação o Instituto da França; práticas assaz promissoras, mas depois comprometidas a fundo pelos enredos do promotor. Mais se dirá na carta 50.

(2) – Note-se a delicadeza com o Servo de Deus dá seus conselhos.

(3) – Os oferecimentos muito generosos importam muitas vezes em liames que tolhem a liberdade de agir a seu modo.

(4) – Luíza Naudet, irmã mais velha de Leopoldina, esteve sempre com ela na Corte de Viena e seguindo a falecida Arquiduquesa Mara Ana Fernanda de Arbsburgo, foi com ele “grande parte” do Instituto das “Diletas de Jesus” ou “Damas da Fé”. Dissolvido aquele Instituto viveu por sua conta. A esperança de Pe. Gaspar, depois de alguma tentativa de prova, foi frustrada: porque “Luísa (V. Educatrice Modello etc. S. Madalena Sofia Barat, Firenze, 1925, p. 42), mais capaz de julgar se alguém fosse apto à vida religiosa que vivê-la ela mesmo”, não soube encontrar-se na sua oportunidade.

CARTA Nº 94 A LEOPOLDINA NAUDET

O rescrito imperial da carta 92 ou frustrou a espera, ou melhor, a terminou. Em tal estado de coisa Pe. Gaspar exclui, pois, como perigosa, qualquer prática análoga junto ‘ao governo eclesiástico’. Finalmente um pequeno aceno ainda sobre a capelania.



“Minha Senhora,

Não me admira a nova do Rescrito. O Imperador terá encontrado o governo firme e teve que ceder em tempo. Não tenha, porém, medo nenhum. Nada há que resista a Deus. Ele é o único que faz tudo o que quer no Céu e na terra.

Pelo que me pergunta, não me parece dever mexer em nada com o Governo, que deve chegar. E não quereria que se falasse com Roma, porque seria um grande impedimento pela promoção de sua Obra, se o Governo daqui fizesse que alguma coisa foi tratada em Roma antes que fosse proposta aos tribunais políticos, e isto seria talvez um delito imperdoável. Deus perdoe os tempos, mas a nós convém navegar com esta borrasca. Paciência, e chegaremos ao porto.

Quanto à Capelania, seria necessário que eu soubesse o nome; com sua comunidade, quando o souber, peço-lhe que me comunique em um linha”.



CARTA 95 A LEOPOLDINA NAUDET

Há cerca de um mês Pe. Gaspar recomeçou a celebrar a Missa. Talvez pôde chegar até o parlatório do vizinho convento de S. Teresa. Mas esta carta, mesmo delicadíssima e cheia sempre de unção é uma decidida negativa do trabalho do Servo de Deus ou de algum dos seus à direção da Naudet e da sua Comunidade. Não é o caso de fazer um resumo. Entre as cartas do Servo de Deus é uma das mais notáveis.



“Minha Senhora,

Eu teria querido responder-lhe logo, mas muitas intrigas, que me assediam sempre – e agora apenas saí da cama parece que me pularam em cima – impediram-me de fazê-lo até hoje. E talvez não me expliquei bem na última vez à viva voz, que parece-me não ter sido bem entendido na minha sentença.

Digo, pois, que o conselho do Pe. Rozaven deve ser mantido de qualquer modo, porque é o conselho do próprio Deus. Mas não tendo a senhora, no presente, pessoas a cuja prudência e experiência se possa inteiramente confiar, é preciso rezar para que Deus digne-se, por sua bondade, providenciá-la; e para esse fim, como são e como podem ser, eu lhe ofereço minhas orações e de todos os meus, como coisa da qual sou devedor à sua caridade; pois que não posso oferecer-lhe nem o meu trabalho, nem o de nenhum de meus companheiros, nem agora, nem nunca.

E, no entanto, onde a senhora vê claro o que é para fazer, trabalhe com liberdade, confiando em Deus; e onde há dificuldades relativas à consciência; e se duvida se alguma ação possa desagradar de algum modo a Deus, não deixe de apresentar a dúvida e de esclarecer-se com aquele ministro do Senhor, que a sua discipulação achar melhor fornecido de suficiente ciência, probidade e prudência, confiando plenamente em Deus, que onde houver necessidade para a salvação da sua alma e das almas que estão sob seus cuidados, não negará a luz da sabedoria ao seu ministro; Ele que costuma fazer também as línguas das crianças, eloqüentes à necessidade de falar bem Dele.

Assim fazendo, a senhora pode estar segura de seguir o conselho sapientíssimo do Espírito Santo: “Meu filho, nada faças sem conselho” (Eclo 32,24).

De resto, o Senhor – que é pai de toda consolação – dê tranqüilidade e paz de espírito à senhora, e a conforte com sua graça e predileção de modo que para sua glória e salvação de muitos, possa a iniciada empresa levar a louváveis fins.

De casa, 16 de outubro 1825.

*Humílimo Devotíssimo Obrigadíssimo Servidor  
G. Bertoni padre”*



*Uma feliz e santa Páscoa, com todas as bênçãos do Cristo Ressuscitado!*



PRIMEIRA CARTA A S.S. GREGÓRIO XVI

Carta muito conhecida nossa, que aparece em primeiro lugar na “Vida do Servo de Deus” escrita pelo Pe. Caetano Giacobbe, embora mutilada de um parágrafo. Desta carta transparecem claros os sentimentos e as intenções do Ven. Gaspar em relação à sua Congregação; e se apresentam fatos que marcam os primeiros desenvolvimentos do seu plano.

Escreve Pe. Benciolini: “...Naquele tempo se encontravam em Roma dois Sacerdotes Veroneses, e indo beijar os pés do Santo Padre, este disse tendo na mão a carta do Pe. Bertoni: ‘Vejam aqui como me escreve um padre veronês: esta carta me fez chorar’. Estas precisas palavras foram ouvidas pelo subscrito da própria boca de um daqueles sacerdotes”.

Pe. Marani sintetizou a nota do Pe. Benciolini da seguinte forma:

“... Merece ser recordada uma circunstância, que é quase uma ordem expressa do seu Bispo para que (Pe. Bertoni) se resolvesse comprar um fundo eclesiástico, que em 1838 foi colocado em hasta pública pela Real Fazenda: ‘Porque – dizia-lhe D. Grasser... – é melhor que os bens da Igreja voltem para a Igreja. Eu cuidarei de obter de Roma todas as necessárias faculdades e dispensas’. Do que ainda não se deu por satisfeito Pe. Gaspar. Ele de sua própria mão preparou a Sua Santidade Gregório XVI uma carta que tirou dos olhos do Venerando Pontífice lágrimas de ternura”.

Depois disto eis o texto integral da carta:



“Beatíssimo Padre,

O ínfimo dos Vossos servos, o subscrito sacerdote, com alguns companheiros, em vida clerical e comum já há 22 anos, gratuitamente serve à Esposa de Jesus Cristo para nela honrar o comum Criados e Salvador. E, considerada por dois Bispos sucessivos desta Diocese uma obra não inútil, criou coragem, depois de restaurada e adornada uma igreja, construída uma casa oportuna, aumentando sua idade, de destinar uma soma a fim de adquirir um fundo para que o serviço fosse durável e não interrompido com sua morte.

Agora o Bispo zelosíssimo o exortou vivamente para remir um fundo religioso que o Fisco expôs em hasta pública. Com esta disposição, pois, o adquiriu pelo preço de 160.000 libras austríacas, que agora redimido o apresenta aos pés do Vigário de Cristo e sucessor de Pedro e dos Apóstolos. Agora, se pareceu bem ao Espírito Santo e a Vós (1), Beatíssimo Padre, que se torne em obséquio de Cristo Nossa Senhor e para utilidade de Sua Igreja designar este vosso fundo para aquele fim que eu entendia aplicar um fundo profano, o receberei de Vossas mãos como um presente do céu.

Se de outro modo dispusesse o Espírito e a prudência Vossa, serei também mais alegre e feliz, que o Senhor e Vós se dignem aceitar de minhas mãos um presente como um frágil pouco de ouro, que com toda confiança coloquei aos Vossos Santíssimos pés. E, ao invés de parar o trabalho começado, seria para mim argumento para poder melhor e com mais perfeição

prosseguir. Pois esta é a firme vontade minha e de meus companheiros: de empregarmos-nos todos em servir Nosso Senhor e Sua Igreja, se Ele nos fizer dignos de tanto.

Para o mesmo fim, tendo eu, com outros meios, bem fornecida um copiosa biblioteca eclesiástica, quanto exigem as circunstâncias dos tempos e encontrando alguns livros que, pela dispersão feita dos bens eclesiásticos estavam expostos à venda pública, peço à Vossa Santidade dar-me a faculdade guardá-los para este fim, ou indicar-me o que no Senhor Vos agrade que se faça para Sua maior glória.

E com todo o vigor da minha fé e devoção humilissimamente prostrado, beijo os santíssimos pés de Vossa Beatitude.

De Verona, aos 9 dias de agosto de 1838.

*Humílimo Devotíssimo Obedientíssimo Filho  
Gaspar Bertoni”.*



(1) – At 15,28.

(A resposta positiva para manutenção foi dada aos 7 de dezembro de 1838, por meio da Penitenciária Apostólica).

CARTA Nº 43 A LEOPOLDINA NAUDET

Carta de vários assuntos. Depois de um aceno a coisas, embora consoladoras, mas que fogem do nosso conhecimento, entra em campo uma Angelina, na qual reconhecemos a “jovem das convulsões” e adiantada em anos, de carta anterior. Depois vem um trecho precioso de doutrina espiritual a propósito do Instituto que Naudet prepara em segredo; e depois outros assuntos.



“Eis como o Senhor soube ajuntar bem as coisas; e um novo argumento para, em qualquer circunstância, dever sempre abandonar-se à Sua adorável Providência.

Eu falarei da Angelina (1) no primeiro encontro com Pe. Pedro; mas talvez quando a caridade não exigir de outro modo, este um assunto a ser tratado o menos possível, ou ao menos, o menos intimamente que se possa, com referência aos fatos passados. Ocorrendo informações exatas, por certa ocasião não há muito acontecidas comigo, poderei levá-las à prudência. Não é porém por esses fatos, que se deva duvidar da piedade da jovem e dos que a dirigiam.

Consolo-me com suas Catacumbas, ou verdadeiramente, com seu Cenáculo a portas fechadas (2). Descerá aí o Espírito Santo, e sairão todas fervorosas. “Permaneçam na cidade até serdes revestidos da força do alto” (Lc 24,49). Nota S. Gregório Magno que a abundância e o acréscimo de caridade, é o sinal decisivo e definitivo do momento em que se devem começar a aparecer as obras, que foram concebidas de longo tempo com as luzes secretas e as inspirações ocultas do Espírito Santo, e fomentadas com o calor da oração e nutridas e amadurecidas com muitas meditações.

A língua, pois, do Senhor é a paz: com esta Ele responde a nós e nos assegura daquilo que lhe agrada. “Escutarei o que diz o Senhor Deus, porque Ele diz palavras de paz, etc...” (Sl 84,9). Agrada, pois, a Sua divina Majestade o cuidado que a Senhora toma pelo bem espiritual das suas companheiras. E, oh, se eu pudesse explicar quanto lhe agrada! Mas o Senhor, por sua bondade, lhe explicará Ele mesmo progressivamente. Parece que tudo convida e obriga o apressamento da preparação do que o Senhor inspirou para sua glória. A nós certamente convém esperar, não ser esperados. Mas eu creio que não se deverá esperar um momento, preparados que estivermos, porque o Senhor está mais perto que nós pensamos, e assim próximo, junto da porta, esperando Ele não outra coisa que a nossa preparação: “Está próximo da porta” (Mt 24,3).

Sobre a senhora Chiara (3), a senhora já sabe o QUE FAZER; mas não basta, diz S. Gregório, é necessário conhecer o COMO FAZER. Nem isto, porém, será suficiente: mas será conveniente esclarecer também o QUANDO FAZER. O Senhor, no entanto, que fez o

primeiro, fará também o segundo, e o terceiro passo, comunicando a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9). As reflexões que a senhora fez sobre o Pe. Rigoletti são certíssimos; e também prudente a reflexão sobre o Cardeal Vigário, etc. Mas o Senhor fará ver claro os caminhos, o COMO, caminhando sobre eles, acertará o sinal sem chocar em nenhum escolho.

Chegados a este ponto da carta, eis que pe. Pedro (Leonardi), que me respondeu estar a Angelina em sua casa em Borgo, fora da porta S. Jorge, dirigida por quanto ele sabe, por um seu primo, pe. Raimondi, dominicano, pessoa por ele considerada, em relação a Angelina, não a mais oportuna. Ter ele entendido que tinha estado com aquele religioso cego, e desejar muito que se apoiasse nele, ou em qualquer um outro, que pudesse livrá-la de qualquer defeito, se houvesse, não duvidando ele que o fundo do ânimo não seja bom. Queria saber o porque das minhas perguntas, e se era necessário que ele se informasse bem profundamente. Ao que respondi, que qualquer informação não seria inútil, quando ele pudesse fornecer, nada mais.

Tenho a honra de protestar-lhe os sentimentos de minha total estima e veneração.

De Verona, 16 de 1813 (1814).

*Humílimo Devotíssimo Servidor  
G. B. Indigno Sacerdote”.*



(1) – Evidentemente Angelina Raimondi aspirava reunir-se com Leopoldina. Há dez anos, em Verona, falou-se muito dela, por certos fatos extraordinários que lhe aconteceram por algum tempo. Alguns disseram fenômenos de santidade, outros de histerismo, e outros de impostura. Além da autoridade religiosa, misturou-se também a política; assim o assunto foi levado até Milão. A Raimondi saiu-se bem; foi-lhe restituída a liberdade de ir e vir e de confessar-se com quem quisesse, o que lhe tinha sido proibido; somente proibiu-se aos sacerdotes de visitá-la em casa: cartas de 17 de junho, 4 de agosto, 22 de setembro de 1804 de Madalena di Canossa a Carolina Durini: Arq. Canossiano Roma.

(2) – “Catacumbas” devia ser um termo usado por Leopoldina, a propósito do próprio ideal, escondido quase debaixo da terra no Retiro S. José. Pe. Gaspar, sem corrigir o termo que é tão sagrado pelas lembranças da Igreja antiga, o traduz por Cenáculo a portas fechadas, com uma lembrança mais antiga e augusta, e com textos e doutrinas que lhe vêm muitas vezes aos lábios e à pena.

(3) – Chiara Canton, romana, sempre vacilante.

COMO REZAR OS SALMOS: Meditação feita aos Sacerdotes de Mântua em 1816



### INTRODUÇÃO

A recitação dos salmos é um momento de grande importância e de obrigatoriedade.

Abade Teodoro: Se Deus nos imputasse as negligências do tempo em que rezamos e os condicionamentos que temos durante a recitação dos salmos, não poderíamos nos salvar.

Descuidando da nossa salvação, fazem com perfeição e com esmero os outros deveres e interesses pessoais; as sagradas orações, ao invés, com superficialidade, com a mente distraída, fazendo outras coisas, com grande perigo para a vida eterna.

Monge Simeão: As pessoas devem temer quando cantam os louvores, quando adoram Deus, quando elevam orações a Deus!

S. Bernardo, depois das normas sobre a salmodia, trata como rezar “a fim de que cada vez que nos preparamos para OPUS DIVINUM (dever divino), consideremos como devemos comportar-nos na presença de Deus e dos Anjos; e passemos a salmodiar de tal modo que o coração esteja em sintonia com a voz”.

É necessário fazer uma dupla preparação antes da oração. “Antes da oração, prepara a tua alma, e não sejas como um homem que tenta a Deus” (Eclo 18,23).

Acrescenta S. Crisóstomo: Quem vai perante o príncipe para uma conversa sem se preparar? Qual músico ou guitarrista canta, sem antes ter preparado a lira e afinado o instrumento? Quando nos apresentamos diante de Deus imaginemos estar no palco de um teatro, sob o olhar de todos. O universo inteiro nos olha e sobretudo os cidadãos do céu e o Rei que se assenta no meio deles. Um velho ditado diz: “Aqueles que se preparam para adorar, sentem-se”, isto é, somos exortados a levar para a oração um espírito preparado e tranqüilo.

### PREPARAÇÃO REMOTA

S. Lourenço Justiniano: A preparação remota consiste na vida louvável de quem reza. Com efeito, ajuda muito a pureza da oração quando em todo lugar, ação e tempo, nos precavemos de fazer ações ilícitas e obedecemos os preceitos divinos; se guardamos sempre seja o ouvido como a língua de palavras ociosas. É inevitável que volte freqüentemente ao ânimo, como em seu lugar habitual, aquilo que costumeiramente fazemos, dizemos ou ouvimos.

S. Gregório Magno: Se fizermos aquilo que Deus mandou, conseguiremos o que pedimos. A ação seja sustentada pela oração e a oração pela ação: estas coisas para Deus nos ajudam mutuamente.

“O Senhor satisfará o desejo dos que lhe são fiéis” (Sl 144,19). “Se eu intentasse no coração o mal, não me teria ouvido o Senhor” (Sl 65,18).

Não somente devemos fugir dos pecados, mas também das más paixões e do barulho externo.

Um filósofo platônico: é uma ótima dádiva diante de Deus mente pura e espírito sem agitação.

Diádoco ploticense: Um mar tranqüilo até sua profundidade é bem claro para os pescadores.

Para isto nada mais útil que o SILÊNCIO. “Quem muito fala, acaba ofendendo” (Pr 10,19). “Quem vigia sua boca e sua língua preserva sua vida da angústia” (Pr 21,23).

Clímaco: o silêncio gera a oração.

Cassiano: Procuremos estar antes da oração como queremos estar durante a mesma.

Ricardo de S. Vitor: Sabemos que a mente não poderá rezar profundamente e com devoção se não é ajudada antes com atentas pré-meditações. A reta intenção tende ao fim, que é Deus (não pensando na merenda e na espórtula!), de outro modo não se poderá agradar a Deus se Ele mesmo não for a sua causa. Deve-se cuidar da intenção atual, imediata, seja porque a virtual, implícita, pode ser facilmente interrompida por várias ocupações, seja porque – como pensam os maiores teólogos – a virtual pode ter um novo aumento de graça com cada uma das ações, se bem que seja suficiente para a integridade moral da ação.

S. Agostinho, comentando as palavras do Salmo 53: “De bom grado oferecer-vos-ei um sacrifício, cantarei a glória de vosso nome, Senhor, porque é bom” (v. 8). Escreve: Amo gratuitamente aquilo que louvo. Louvo a Deus e gozo do mesmo louvor, do qual me orgulho. Seja gratuito o que se louva e o que se ama. O que quer dizer gratuito? Que Deus é o procurado por si mesmo, não por qualquer outra coisa. Deixa de lado todo o resto, cuida somente Dele, ama-O gratuitamente, porque não encontrará nada melhor para lhe dar que Ele mesmo. “Senhor, louvarei o teu nome porque é bom”.

Não por outra coisa, senão porque é bom. Dirá talvez: “Louvarei o teu nome, porque me dás campos férteis, ouro, riquezas ou dignidade?” Louvar a Deus, só por Deus: isto é louvar a Deus verdadeiramente.

“Pense nele em todos os seus caminhos, e ele aplainará as suas trilhas” (Pr 3,6).

S. Jerônimo: Se enquanto estou em oração eu acreditasse verdadeiramente que Deus está presente, purificaria o coração que vê Deus, bateria no peito com as mãos, banharia as faces com lágrimas, tremeria meu corpo com temor, com a boca cantaria salmos, estaria prostrado aos pés do meu Senhor e os banharia com o pranto, com os cabelos os enxugaria, me agarraria certamente ao tronco da cruz e não me afastaria antes de ter impetrado misericórdia.

Depois da adoração deve-se pedir a GRAÇA. “Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor” senão sob a ação do Espírito Santo (1Cor 12,3)

Horácio: Quem começa bem está na metade do caminho. A REVERÊNCIA que devem ter as faculdades sensitivas.

Cícero: Uma virtude que pela grandeza da escolha, tributa a Deus o culto da honra que lhe é devida, é uma to de religião e adoração, que nós latinos chamamos “servitus” (dependência – submissão) e os gregos “latría”.

S. Bernardo: Eu creio que muitas pessoas na oração, talvez experimentem aridez e um certo torpor de mente, porque chegam à oração, por hábito, sem atenção e sem atitude de respeito. “Entrarei na tenda admirável, até a casa de Deus” (Sl 41,5): deve pensar o irão que entra na oração, se nós na verdade, no tempo da oração entramos na assembléia celeste, onde está sentado o Rei dos reis sobre um trono de estrelas, circundado de inumerável e inefável exército de espíritos bem-aventurados. Com quanta reverência, com quanto temor, com quanta humildade deve entrar na oração, saindo e arrastando fora do seu pau a vil rã!”

S. Basílio: Nós cremos que os anjos estão presentes aos que rezam, e escrevem suas palavras quando dizem os salmos.

S. Bernardo: Os anjos estão acostumados a estarem presentes aos que oram e se alegram com aqueles que vêm levantar as mãos puras em oração. Gostam de oferecer a Deus o sacrifício da santa devoção em odor de suavidade. Reconhecem-nos como seus concidadãos...

Temo que aborrecidos antes ou depois da vossa preguiça, se afastem indignados e algum de vós comece muito tarde a dizer a Deus com gemidos: “Afastastes de mim meus amigos, objeto de horror me tornastes para eles” (Sl 87,9). E ainda: “Amigos e companheiros fogem de minha chaga, e meus parentes permanecem longe. Os que odeiam a minha vida armam-me ciladas” (Sl 37,12).

Se os bons espíritos se afastam de nós, quem poderá sustentar o assalto dos maus? Está presente o próprio Rei dos anjos, o Senhor e Salvador Jesus Cristo.

**PREPARAÇÃO INTERNA:** Consiste no temor, humildade, pureza, compunção de coração.

S. Efrem: No tempo da oração sejamos como anjos. Procuremos, pois, que a nossa oração seja santa, pura, imaculada e irrepreensível. De tal modo que quando a virem subir se abram para ela, imediata e espontaneamente e com exultação as portas celestes, e os Anjos e os Arcanjos em festa corram ao seu encontro e a ofereçam, diante do santo e excelso trono, à imensidade do Senhor.

Está escrito: “Nada de mancha pode insinuar-se nela” (Sb 7,25).

**PREPARAÇÃO EXTERNA:** Isto é, a guarda dos sentidos, a compostura, a moderação da voz, a seriedade da atitude, decoro nas vestes, observância de todas as cerimônias e ritos.

Teodoro Studita: Exorto-vos a salmodiar com decoro e como está prescrito, não tanto por fazer, não distraída e confusamente.

“Entoai hinos com arte” (Sl 46,8).

## ATENÇÃO

“A justiça e só a justiça seguirás” (Dt 16,20).

Gerson: Deus não premia tanto as palavras, mas os advérbios, isto é, não repara tanto naquilo que fazes, mas como o fazes” (as circunstâncias). Medita-se no coração aquilo que se profere com a boca.

“Hipócritas, bem profetizou de vós Isaías: este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim” (Mt 15,8).

Próspero: O verdadeiro louvor jorra da boca do orante, se o que jorra da voz provém do interior do coração.

Crisóstomo: As orações são grandes armas, se nos apresentamos ao Senhor sóbrios e recolhidos com a nossa mente e nos esforçamos inteiramente para falar de modo que não só as palavras se apresentem ao Senhor, mas ao mesmo tempo a mente.

Cipriano: Que preguiça é estar alheio e distraído por pensamentos fúteis quando se reza ao Senhor! Como se houvesse uma outra coisa que se devesse pensar, antes que falar com Deus. Como pretende ser ouvido por Deus, se não escuta a você mesmo? Quer que Deus se recorde de você quando reza, se nem mesmo você se recorda de si?

S. Tomás e S. Boaventura: São três os modos de ATENÇÃO: 1º.) na pronúncia material, no modo de ler integral e corretamente; 2º.) no sentido literal; 3º.) no sentido místico, seja em respeito ao fim da oração, que é Deus, seja em respeito àquilo por que se reza (S. Boaventura).

S. Bernardo: o alimento tem sabor na boca, o salmo no coração. A alma fiel e prudente não descuida de mastigar bem o salmo com os dentes, digamos assim, da sua inteligência: para que se, por acaso, o engula inteiro e não mastigando, o paladar não seja prejudicado ao sabor desejável e doce mais que o mel e o favo. Ofereçamos com os Apóstolos no banquete celeste e à mesa do Senhor o favo de mel. O mel está dentro da cera, assim a devoção está dentro da letra das palavras; se engoles a letra sem o tempero do espírito, ela te mata. Se ao contrário com o apóstolo salmodias com o espírito, salmodiarás com a mente também, conhecerás também a verdade daquele ditado: “As palavras que vos tenho dito são espírito e vida” (Jo 6,64).

## A DEVOÇÃO

A palavra deriva do latim “devovére”, isto é, destinar, consagrar, dedicar; indica a vontade de dedicar-se prontamente às coisas que dizem respeito ao serviço de Deus (S. Tomás) ou à fervorosa projeção da mente para com Deus (Ricardo de S. Vitor).

## MEIOS DA DEVOÇÃO

### 1 – O DESEJO

“O início da sabedoria é o desejá-la” (Sb 6,18). Ela se faz encontrar por aqueles que a procuram (v. 13); invade os que a amam e por isso se mostra antes de tudo a esses (v. 14).

### 2 – A GUARDA DO CORAÇÃO

“Com todo o cuidado vigia teu coração, porque dele brota a vida” (Pr 4,23).

S. Bernardo: A graça da devoção é coisa do coração e dela se priva quem descuida de abrir-lhe seu íntimo. Do que se deve proteger o coração? Dos pensamentos inúteis, isto é, do apego das coisas terrenas.

### 3 – A LEMBRANÇA CONTÍNUA DE DEUS

“Lembrei-me de Deus e me alegrei” (Sl 76,4). “Coloco sempre o Senhor diante de mim, por isso meu coração é feliz” (Sl 15,8ss)

### 4 – A GUARDA DOS SENTIDOS

O abade Berengósio: Se não resgatamos o primogênito do homem com cinco siclos de prata (cf. Nm 3,47), isto é com a guarda dos cinco sentidos, de nada serviriam a nós as marcas das cinco chagas, com as quais sobre o altar da Cruz, Cristo quis sanar as cicatrizes dos nossos cinco sentidos.

### 5 – A SOLIDÃO

“A conduzirei ao deserto e lá falarei ao seu coração” (Os 2,16).

S. Bernardo: Ó alma santa, fica sozinha, para conservar-te a ti mesmo àquele único que entre todos foste escolhida. Fuja das pessoas, fuja dos teus próprios familiares; retira-te dos amigos, dos íntimos e também daquele que te governa. Ou não sabes que tens um esposo reservado e que de nenhum modo te concede sua presença se outros estão presentes? Retira-te, pois, não com o corpo, mas com a mente, com a atenção, com devoção, com o espírito.



(N.B. – o trecho compreende os números 3520 a 3540 dos Manuscritos do Fundador).



CARTA Nº 01 A LEOPOLDINA NAUDET

É a primeira das cartas conservadas; uma verdadeira carta de direção espiritual. Como tal ela prova que o diretor anônimo de que Leopoldina Naudet fala no seu “Giornale” de espírito de 09 de janeiro de 1881 em diante, não pode ser outro senão o nosso Servo de Deus. Existem outros testemunhos para reforçar a prova. Porém basta este.

Nos meados de novembro de 1812, Pe. Gaspar se recuperava da gravíssima enfermidade que pusera sua vida em perigo. Naquele apuro Leopoldina Naudet provou o desânimo: descobriu de fato uma falta de confiança no Senhor. Agora eis o pressuposto próximo dessa carta apresentada pelo mesmo “Giornale” de novembro de 1812: “Nos primeiros dias deste mês fui estimulada pelo Senhor a uma maior esperança nele. Para isto, Ele serviu-se de uma falta que cometi contra ela. Assim foi grande sua infinita bondade e misericórdia para comigo. Este modo de repreender-me desta falta me fez senti-lo e conhecê-lo mais, e prometi não mais repetir a falha de desconfiar de suas palavras”.

A carta de Pe. Gaspar responde a uma carta atualmente perdida de sua penitente, culpada diante de Deus da tal falta ou de outra semelhante. Ela deve ter perguntado: “Devo confessar-me?” O diretor respondeu: “Não há necessidade” etc. e continua com um pensamento tirado da Palavra de Deus, insinuando a perseverança na prática do Santo Abandono, e aplicando ao caso de sua penitente as regras de discrição dos espíritos. Conclui com uma característica profissão de humildade.



“Minha Senhora,

Não há nenhuma necessidade de confessar-se. O sarmento não está separado da videira, mas estando nele e dando fruto, o agricultor o poda a fim de que se torne maior. “Eu sou a verdadeira videira, e meu Pai é o agricultor... e tudo o que produz fruto Ele o poda para que produza mais fruto ainda” (Jo 15,1.2).

Quando Pedro ouviu aquela repreensão: “Homem fraco na fé, porque duvidaste!” (Mt 14,31, não estava afastado nem a caminho de ser afastado, mas próximo de Cristo, e na iminência de unir-se a Ele, puxado pela sua mão direita. Estava naquele momento tão ansioso como a Esposa dos Sagrados Cânticos: “Arrasta-me” (Cant. 1,3).

Oh! como deve ser grande a nossa esperança em Deus! Não só grande, mas convém que seja grandíssima: “Escolheste, por amparo, o Altíssimo” (Sl 90,9). “Mas aqueles que contam com o Senhor terão penas como as águias, voarão sem cansar” (Is 40,31). Eis o efeito e o sinal para reconhecer esta feliz confiança: “Em paz me deito e logo adormeço, porque só tu, Senhor, me fazes viver tranqüilo” (Sl 4,9-10).

O efeito, pois, das admoestações interiores é justamente aquilo que a Senhora acena, fortalecer esta esperança. Isto é sem dúvida do bom Espírito. “Feliz o homem a quem ensinai, Senhor, e instruis em vossa Lei” (Sl 93,12).

O Senhor a recompense pela caridade de tantas orações feitas, e mandadas fazer por este miserável pecador, a fim de que Deus prolongue por sua misericórdia o tempo da penitência. Continue rezando para que corresponda a graça já obtida para cuidar da alma, como agora, pelo remédio, o corpo foi curado. Estou honrado, no entanto, de declarar-me com toda estima.

De casa, 16 de novembro de 1812.

*Devotíssimo Obrigadíssimo Servo  
Gaspar Bertoni Indigno Sacerdote”*

CARTA Nº 11 A LEOPOLDINA NAUDET

Carta incompleta e sem data. Um confronto pode colocá-la entre 21 de dezembro e 9 de janeiro de 1813.

O Servo de Deus teve novamente que voltar à cama, embora para levantar-se logo. Mas assim ele voltou a ficar sob “a cuidadosa observação do Dr. Ravelli, seu tio, e de Mons. Vigário Dionisi, que às vezes o visitava em casa. Há sempre a preocupação pelos trabalhos importantes que Pe. Gaspar tem no seminário: é-lhe conveniente esconder seus cuidados com S. José. Porém encontra tempo e modo para examinar papéis, dar respostas, aconselhar a superiora do lugar e suas companheiras; não sem expandir-se de quando em quando em verdadeiras e próprias elevações de espírito”.



“Minha Senhora,

Recebi sua prezada carta já em pé, a qual prontamente tenho a honra de responder.

Parece-me que, sobre a substância do Voto, a senhora expressou-se bem; não saberia o que acrescentar, ou tirar, e parece-me tudo em ordem. Ouvirei suas reflexões sobre a fórmula, que na verdade não serão demais segundo a importância da coisa (em que devem principalmente cair os olhos dos que a deverão examiná-la), e para evitar ainda a necessidade de freqüentes mudanças, que nem sempre são boas, antes, causam diminuição de estima das leis e desconfiança na execução.

O Senhor, portanto, lhe dará por sua bondade as luzes convenientes; e a senhora deve fazer (e que o façam também suas companheiras) o que um dia Davi fez, isto é, “como os olhos das servas fixos nas mãos de suas senhoras, assim nossos olhos estão voltados para o Senhor nosso Deus, esperando que Ele tenha piedade de nós” (Sl 122). Não tirar os olhos do Senhor, continuando a rezar sem interrupção, até que consiga a graça e a misericórdia da luz que necessita. “Tende piedade de nós, Senhor, tende misericórdia de nós, porque estamos cheios de desprezo”.

Atente a senhora que os nossos defeitos, imperfeições, faltas, que nos tornam dignos de desprezo aos nossos olhos, por pouco que nos conheçamos, e aos olhos de Deus que tudo vê, dão-se por um motivo, o mais eficaz ao coração de Deus, para que nos dê a graça, ou seja, a misericórdia: “porque estamos cheios de desprezo”. Esta é oração de uma alma verdadeiramente generosa, que vence e força o coração de Deus. Isto é verdadeiramente elevar muito a Deus em nossa estima enquanto nos diminuimos no conhecimento de nossa miséria. Esta, finalmente, é a oração digna de quem tem um coração generoso segundo o coração de Deus, como era o de Davi.

Por meio do senhor Pe. Luís (Trevisani), eu conhecia a coisa do Reitor, que exortado muito bem por mim, queria ir prevenir meus tios. Quanto ao Mons. Vigário, procurei nos

últimos dias confirmá-lo na disposição já feita, fazendo-o ver na prática a vantagem e a necessidade, juntamente com a impossibilidade daquilo que haviam pedido, (sem sinal de que queriam renovar o pedido). Deixemos agir o Senhor, que sempre dispõe tudo bem. O homem propõe e Deus dispõe.

Eu a avisarei o dia em que poderei ir a S. José, porque agora estou de novo sob obediência, antes uma vigilância cuidadosa, quanto à saúde, pelo médico e por. Mons. Vigário, e ajuda muito não mostrar nenhum cuidado por S. José. O Senhor que cuida dos trabalhos que interessam à sua glória, infinitamente mais que nós, Ele apressará o momento, em que este miserável servo se possa correr, se Ele quiser valer-se do seu trabalho. Quem terá maior cuidado se o Senhor já tem tanto? “Não vos inquieteis com nada, mas apresentai a Deus as vossas necessidades” (Fl 4,6). E é o bastante, porque de fato nem quem planta, nem quem rega é nada, mas “só Deus que faz crescer” (1Cor 3,7). Ó grande Deus! Quanto o Senhor é bom, e inclinado por amor, a nós pobres vermes! Quando será que o amaremos com todo o nosso coração, e O conheceremos, e O teremos por aquilo que Ele é? Meu Deus e meu tudo”.

Sinto com muito desprazer sobre a senhora Clara; mas o Senhor, também aqui, finalmente dará à Senhora os conselhos e os meios para cumprir a sua vontade, porque, em um relógio, mesmo quando para uma só engrenagem, desconcerta tudo. Ou se conserta ou se substitui. Quantas oficinas secretas tem Nosso Senhor nestes tempos, e trabalha e prepara as peças! Que belo dia quando Ele reunir todas e formar um belo concerto! (1).

Quanto à senhora Sofia e Teresa, se a senhora achar bom, diga que eu darei a razão; e nada mais (2). E se acaso a senhora acreditar que seja bom, acrescentarei o restante: que será fazer-lhes conhecer a inutilidade, a vaidade, a imortificação destas memórias e destas perguntas, que eu não me lembro de haver feito em quatro anos. Que venham, que vão, ele não deve esperar vez por vez senão ouvir as que se apresentam.



(1) – Auspício da fusão – quando agradar ao Senhor – do Instituto da Naudet com o Instituto “daquelas da França”.

(2) – Aqui e em mais algum lugar se faz alusão a algum desajuste devido a escrúpulos de Pe. Farinatti ao ouvir as confissões das companheiras de Leopoldina. Por sorte ele é sempre dócil a tudo o que diz Pe. Gaspar. Sofia é Maria Gagnère; a outra é uma Teresa Trombetti. Parece que Pe. Farinatti pretendia que vez por vez todas se apresentassem ao seu confessor. O Servo de Deus dará as normas justas ao confessor novato, mesmo apresentando-lhes – somente uma vez – o seu próprio exemplo.

CARTA Nº 3 AO PE. LUÍS BRAGATO

Uma carta inteira. O Ven. Gaspar louva a caridade de Pe. Bragato por haver recomendado a saúde de Pe. João Maria Marani às orações do Príncipe Sacerdote Alexandre Francisco di Hohenlohe, que – como sabemos – tinha fama de taumaturgo justamente pela união, na oração. A “cédula” mencionada aqui não é senão a fórmula da oração para ser rezada em união de espírito com o príncipe. Todo o segredo estava ali. O Servo de Deus reconhece também suas velhas dívidas para com ele. Segue um parágrafo com assuntos da irmã de Pe. Bragato. Em seguida o assunto se refere aos meios para alimentar o espírito de recolhimento e a imitação de Nosso Senhor, etc.



“Muito Reverendo Pe. Luís caríssimo honorabilíssimo,

A sua caridade mostra qual e quanto espírito você tem. “Quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4,16); “porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles” (Mt 18,20). Estas palavras são da Verdade. E você mesmo afastado do lugar, está muito estritamente ligado pelo amor “que está em Jesus Cristo” (1Tm 1,14), e faz recomendar muito eficazmente, para cura, ao santo príncipe Hohenlohe o seu pobre companheiro.

Deus o recompense. Você não pode imaginar nossa consolação, e em particular a do Pe. João, que, recebida a cédula, a colocou sobre seu coração, e correu da aula em que estava, ao meu quarto e escola, chorando e rindo ao mesmo tempo, e todo fora de si (1). Faça os devidos agradecimentos a sua alteza reverendíssima da sua parte e também da minha, que renovo as dívidas do antigo reconhecimento pelas suas eficazes orações, as quais com a vida restituíram-me a perna.

Jamais esqueceremos nossas obrigações à sua caridade e à dele. “Aqui – entre parêntese – Pe. João avisa-o que seu depósito em favor da irmã está quase no fim, de modo que no próximo mês será preciso colocar dois ‘talerés’ dos nossos. Você fará seus depósitos conforme lhe for mais cômodo e oportuno; por enquanto nós faremos. Sua irmã melhorou tanto da doença, como por graça de Deus, das pequenas dívidas contraídas por essa ocasião, e mostra-se satisfeita com o Sr. Spandri, que fez tudo diligente e cuidadosamente. ‘Feche-se (o parêntese)’.

Por isso, o servo de Deus, “fechando a porta sobre si, ora em segredo” (Mt 6,6). E com isto mostra o nosso Senhor e Salvador amabilíssimo o modo de conseguir, conservar e aumentar o seu Espírito, que “dará o Espírito Santos aos que lho pedirem” (Lc 11,13), segundo sua promessa que é garantida: “o céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão” (Mt 24,35). Bela é a declaração, a este propósito do santo doutor e pontífice Gregório Magno (2). “Aquele que tem um pequeno fogareiro, aceso sim, mas muito fraco, e temendo que se

apague, o resguarda do vento, e o atíça, conforme precisa, com pequenos raminhos, e corta e divide a lenha em pequeninos pedaços”.

Você, pois, tem – como faz, por graças de Deus – o seu coração recolhido e nele o Espírito recolhido em oração. Leia muitas vezes o Evangelho, e dos ditos e feitos de Cristo, nosso Senhor, esmiúce considerando e meditando, e aplique a si o que é necessário na circunstância presente. Plasme-se sobre o modelo, de onde saíram todos os santos. Você quer uma bela cópia, como fazem os principiantes em pintura, para adestrar-se no desenho? Tome a vida de S. Francisco Borgia do Pe. Bártoli, e aí terá vantagem para conforto e caminho até a perfeita habilidade de fazer o seu desenho sobre o protótipo, isto é, na vida de Cristo nosso Senhor, autor e consumidor da nossa fé. E confie altamente em Deus e “seus olhos estão sempre fixos no Senhor, porque ele livrará do laço os seus pés” (Sl 24,15).

No mais fique certo, que, nem em particular, nem em comunidade, não podemos esquecer-lo em nossas orações; e esperamos da bondade do Senhor que pedindo coisas para sua honra e segundo sua vontade, seremos ouvidos, e cantaremos no céu, onde estaremos todos presentes, ao nosso Deus: “A salvação é do nosso Deus e do Cordeiro” (Ap 7,10). Reze por nós, pobres e necessitados da graça divina, para que possamos cumprir sua santíssima vontade, na qual consiste a nossa santificação e salvação. Passe bem no Senhor”.

De Verona aos 4 de junho de 1836.

*Seu afetuosíssimo em Cristo  
Gaspar Bertoni.”*



- (1) – Notável particular para um retrato verdadeiro do Pe. João M. Marani.
- (2) – “Moralia in Job” L. XXV, c. VII.

CARTA Nº 05 A LEOPOLDINA NAUDET

Depois de um primeiro autógrafo, donde apreendemos que um certo retorno do Servo de Deus ao Retiro Canossa era, no máximo, concedido pelo Bispo, esta quinta carta responde imediatamente a uma carta de Naudet, onde a penitente participa ao diretor uma luz recebida na oração do dia 3 de dezembro e solicita uma norma prática para colocar em ação uma sugestão recebida dele na carta de 1º de dezembro: “Abri minha boca, etc.”. O “Giornale” supre, em parte, a carta perdida. 3 de dezembro: “De manhã, rezando, o Senhor me fez conhecer o amor que Ele trazia para minha alma, o qual devia fazê-la estar tranqüila e segura, sendo amor ativo, empenhado. Aprofundava-me nele, alegrando-me, confundindo-me humilhando-me e agradecendo-O...” Pe. Gaspar provas as palavras que Nosso Senhor disse a S. Inácio de Loyola, então em viagem para Roma, numa visão: “Eu estarei convosco em Roma”. O restante versa sobre a prática da oração contínua.

Esta carta não tem data. Mas está suficientemente indicada pelo “Giornale” da Naudet. É mais ou menos do dia 5 de dezembro.



“Minha Senhora,

Pelo reitor do seminário soube que ele havia falado com o sr. Bispo, o qual fica satisfeito que eu vá a S. José uma vez por semana. Desta vontade do Superior foi notificado o Sr. Pe. Luís pelo próprio Reitor (1). Estou portanto aguardando que se acertem as coisas também com o sr. Vigário; e estou pronto. Também o reitor disse-me que serei avisado por alguém sobre este novo plano (2).

Seja, pois, bendito o Senhor! Que sua divina vontade reine livremente em nossos corações, e se verifique em todo seu sentido, “o reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21). “Eu sou o Senhor teu Deus, forte e zeloso!” (Ex 20,5). Eis o amor de Deus ativo e empenhado, a tocar assim conta do nosso coração, que somente Ele se torne Senhor livre, e não permaneça como um hóspede respeitoso com as mãos amarradas! “Eu sou o Senhor teu Deus!” (Ex 20,2). Lembre-se a senhora daquele “eu estarei convosco em Roma” (3). “FORTE”: este é o motivo da nossa confiança mais segura Nele: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13). “O Senhor é minha luz e salvação, a quem temerei?” (Sl 26,1). “ZELOSO”: o amor intenso torna-se zelo: “consumo-me de ardente amor por Sião” (Zc 8,2).

Quanto à oração, e àquele “abri minha boca e aspirei” (Sl 118, 131), como possa ser feito, responde o próprio Espírito Santo: “Nada te impeça de orar sempre” (Eclo 18,22). “É preciso rezar sempre sem jamais esmorecer” (Lc 18,1). “Orai sem cessar” (1Ts 5,17). Parece-me que a oração ajudará a oração: a diligência em fazê-la atrairá maior abundância de Espírito. E este espírito “socorre a nossa fraqueza” (Rm 8,26): (de tal modo) que podemos também aqui na terra, oferecer o sacrifício perpétuo e perene, o holocausto que de si mesmos oferecem os

Santos Espíritos e os Santos no céu diante de Deus: “o fogo sempre arderá no meu altar” (Lv 6,12).

Todos os servos de Deus exilados e peregrinos aqui na terra assim o fizeram. Com as mesmas forças e auxílios com que eles puderam, assim também nós poderemos. E porque isto agrada a Deus, e é para sua glória, e Ele assim nos ordena, basta isso para que se possa fazer e se faça: “se alguém de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente” (Tg 1,5); “mas peça-a com fé, sem nenhuma vacilação” (Tg 1,6).

Tenho a honra, cheio de veneração, de declarar-me.

*Humílimo Devotíssimo Servidor  
G. B. Indigno Sacerdote”.*



(1) – Reitor do Seminário era Pe. Luís Alberghini. Mas o Pe. Luís citado aqui era o Prefeito dos estudos com uma autoridade de exceção: Pe. Luís Jerônimo Trevisani, chamado comumente de “o Mestre”. Foi ele que em 1810 apresentou ao sr. Bispo o Servo de Deus como Padre Espiritual dos seminaristas. Agora o queria também como Vice-Reitor.

(2) – O do Reitor tinha sido um pré-aviso, não o anúncio oficial.

(3) – A fórmula que se lê em várias biografias de S. Inácio é a seguinte: “Eu serei propício a você em Roma”. Mas Huonder anota: “Tem razão o Canísio, na sua censura à vida escrita por Ribadaneira, e observa que (tais palavras) não são exatas. As verdadeiras palavras são: “eu estarei convosco”. Cf. Ignazio di Loyola, Torino, 1935, p. 36.



CARTA Nº 9 A LEOPOLDINA NAUDET

Carta interessante, mas incompleta e sem data. Pode ser colocada igualmente neste último período de 1812, como também nos primeiros meses de 1813. Na dúvida, colocamo-la aqui onde serve para a finalidade de entender melhor o lugar de várias cartas que a seguem, a espaços.

É coisa que se insere na história de uma vocação (ou tida, então, como tal): caso muito delicado, que em breve colocará, frente a frente, a B. Marquesa di Canossa e o Ven. Servo de Deus.

Já sabemos que as piedosas senhoras que trabalhavam juntas no Retiro Canossa numa aliança “sine di”, mas de natureza precária, formavam dois grupos distintos. A Marquesa era líder de um e era titular do local, e Leopoldina Naudet do outro e era superiora: e isto acordado desde o princípio. Agora, uma das tais piedosas senhoras, mas do grupo da Canossa, – uma certa Cristina Scalfò, entre 34 e 35 anos – já há dois anos se inclinava para L. Naudet. Logo se abriu com o Diretor espiritual do local, isto é, com Pe. Gaspar, o qual “depois de longas e reiteradas provas” reconheceu nela uma autêntica vocação de Deus. Para entender melhor tal julgamento, é necessário observar que o ideal da B. Canossa, no conceito jurídico e no estado de tempo e lugar, aparecia simplesmente como “Pia Obra Secular puramente ativa” – assim o Servo de Deus na carta 10 de agosto de 1813, – enquanto o da Naudet era de Instituto claustral, e já com um bom número para, a seu tempo, tornar-se “Religião aprovada”. Porém o nosso caso era tanto mais delicado, enquanto a B. Marquesa contava com Cristina Scalfò. Já a havia designado como a terceira entre suas herdeiras, constituídas em um testamento seu de 1810. Mas ao Servo de Deus pareceu que a passagem da vocação de uma pia Obra secular para o ideal de um Instituto, segundo as definições mais certas, religioso por sua natureza, não pudesse ser impugnado por objeções contingentes de caráter pessoal.

Por isso, não faltou à boa Cristina – entre os entusiasmos – uma certa hesitação. O Servo de Deus a socorreu por meio de L. Naudet chamando-a aos princípios clássicos que regulamentam as vocações.



“Minha Senhora,

Parece-me, pelo exposto em sua carta a respeito da senhora Cristina, poder afirmar ter ela boa vocação, mas ao mesmo tempo uma forte tentação, que se nutriu até agora de alguns defeitos, que convém a esta alma eliminá-la totalmente para seguir Nosso Senhor a qualquer lugar, e ser eleita entre as companheiras do Filho de Deus, Cristo Nosso Senhor (1); porém, sempre é verdade que “muitos são os chamados, mas poucos escolhidos” (Mt 20,16; 22,14). Deus fez toda sua parte. Chamou, deu e dá a graça para bem segui-Lo. Mas é necessário ainda, que a alma coopere com a graça divina; que corresponda, que negue-se a si mesma, que tome

voluntariamente a sua Cruz às costas e que siga a qualquer lugar, por obediência, Nosso Senhor até a morte.

Devemos, porém, ajudá-la na sua enfermidade, confortá-la nas suas tribulações; mas ela também não deve omitir nenhuma diligência, e, trabalhando com temor e tremor, tornar certa a sua escolha, com obras e demonstrações de sólida virtude; segundo aquele, “procurai com mais diligência consolidar a vossa vocação e eleição” (2Pd 1,20). Por isso, foram colocados pelo Santo (2) tanto anos de intervalo para a total admissão de um candidato, para que possa esclarecer com provas e testemunhos evidentes, e tornar segura, do seu lado, a vocação, que, do lado do Senhor, não me parece que possa haver dúvida.

Parece-me, pois, que adoçando com palavras de mansidão a amargura da sua trepidação, se mostre, porém, sem véu o seu engano; isto é, de perguntar a nós se a sua vocação é boa, tendo nós, já, pelo que toca à parte de Deus, respondido que sim; e cabendo à senhora agora assegurar-se, da sua parte, esta mesma vocação e eleição. Analisando a coisa, tudo se resolverá facilmente nisto: que comece a desconfiar de si, e confie em Deus; trabalhe e reze; tema e ame... (3)



- (1) – Isto é, ser religiosa.
- (2) – S. Inácio, do qual L. Naudet está tomando regras e normas para seu próprio Instituto.
- (3) – Este último conselho é quase um compêndio do “Combattimento Spirituale” do Pe. Lorenzo Scupoli: Cap. I, no final.

*Feliz Natal e Próspero Ano Novo!*

CARTA Nº 10 AO PE. LUÍS BRAGATO

Um fragmento reproduzindo uma parte da carta, não de sua conclusão. A data foi cortada fora; mas o texto nos fornece meio de poder datá-la mais ou menos na metade de novembro de 1842, que vive o que o Ven. Gaspar diz aqui das duas escolas: diminuição das classes fazendo perceber próximo o fechamento. Ora o último ano letivo foi justamente aquele que começou naquele novembro.

Avisos espirituais e notícias imprecisas. Podemos dizer que, o mar de afazeres, de demandas, de confusões, acenado no texto inclui algumas demandas após a tomada de posse do fundo estatal Sezano-Stallavena, resgatado pelo Ven. Gaspar em 1838 como patrimônio e sustento de sua Congregação.



“... Assim esse está no fundo; mas o que está à tona das ondas, lembre-se que o Senhor está com ele, ainda que durma na barca; e lembre-se também daquele “Vem” falado a S. Pedro (Mt 29), com que pôde caminhar sobre as águas. Ó amorosíssima, ainda que ocultíssima, Providência de Deus! ‘Quem temerá estando em suas mãos e debaixo de Sua Proteção?’ (Sl 90,1)”.

“O seu pe. Miguel (Gramego), o chefe da tropa, com todos os demais confrades, o saúdam de todo coração por meu intermédio.”

“Recomeçamos as nossas aulas menos a quinta e sexta, e todavia o número é, mais ou menos, o mesmo dos outros anos. Você, já que está fora das aulas, mantenha-se na escola de Deus; ‘todos serão ensinados por Deus’ (Jo 6,45): ‘Feliz o homem a quem tu ensinas, Senhor, e o instruis na tua lei’ (Sl 43,12). E reze por nós que estamos em um mar de afazeres, de demandas, de confusões; e apesar disso se vai; e como a toda hora no escuro, esperamos ser levados pelo Senhor que nos guia, ao claro, quando quiser. ‘Esta é a esperança colocada em meu seio’ (Jó 19,27), se os meus pecados não se interpuserem entre Deus e eu; você, porém, fará bem rezando para que Deus, pela sua infinita misericórdia, me perdoe, e me guarde para sempre...”



CARTA Nº 11

Fragmentos de carta onde afortunadamente Pe. Marani passou a data do fim para o começo, pois de outro modo não a poderíamos conhecer: 11 de abril de 1848. Já começou a crise que levará, em dezembro, o Imperador a abdicar e retirar-se de Viena a Praga, onde Pe.

Bragato continuará sempre ao lado da Imperatriz Mariana. Pe. Bragato havia enviado uma caixa de livros a Verona, que – por engano – ficou presa na Alfândega, e que depois foi devolvida aos Estigmas. Eis o texto que, talvez, é quase completo. Neste caso, o presente não é senão um bilhete.



“Reverendíssimo e estimadíssimo Pe. Luís,  
11 de abril de 1848

Recebi ontem a caixa dos livros esquecida no armazém da alfândega; e o agradeço pela remessa. Não houve nenhum estrago.

Havia-me esquecido também eu de consolar-me com você pela renúncia à mitra (1), não obstante se deva todo o reconhecimento a quem lhe ofereceu esta honra. Você seguiu o conselho do falecido arcebispo Galvani: “Bassi, bassi! Buseta e taneta!” “E salvará os de espírito humilde” (Sl 33,14).

Tenha um discreto cuidado com sua saúde, se voltarem aqueles acidentes que lhe sucederam na juventude (2). No mais coloque sua esperança em Deus. “Mais vale procurar refúgio no Senhor” (Sl 117,9). Ele pôde com pão assado na cinza, sustentar Elias aflito e debilitado, a agüentar um longo caminho. “Porque tens um longo caminho a percorrer” (1Rs 19,7). Estamos todos bem.



(1) – Uma mitra abacial, acreditamos. A Imperatriz Mariana não teria permitido que seu pai espiritual se afastasse dela nem mesmo para governar uma diocese. Em 1858, Pe. Bragato teve que aceitar de Francisco José a nomeação de Abade honorário de Prinow, na Hungria, mas jamais se aproveitou da honraria.

(2) Sintomas alarmantes de tuberculose.

A VANTAGEM DAS MISSÕES PAROQUIAS OU POPULARES  
Benefício das Missões  
(Apresentação de um texto do Pe. Fundador, pelo pe. Bruno Facciotti)

OS MINISTROS: OS MISSIONÁRIOS

Quem são os enviados? Sacerdotes, isto é, aqueles que oferecem as coisas sagradas; mediadores entre Deus e os homens. “Que os homens nos considerem, pois, como simples operários de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4,1).

Vós ao contrário sois inimigos de Deus.

Os missionários são anjos que anunciam a verdade e a paz, enquanto o mundo vos seduz com seus erros. “Os lábios do sacerdote guardam a ciência e é de sua boca que se espera a doutrina” (Ml 2,7).

ENVIADOS POR QUEM?

– Desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo, “e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio” (2Cor 5,20)

– “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

POR QUÊ SÃO ENVIADOS?

– “Deixai reconciliar-vos com Deus” (2Cor 5,21).

Este é o nosso maior bem. Disto depende a nossa salvação. Cobia avós mandar pedir a paz, não a Ele mandar oferecê-la.

COM QUE MEIOS AGEM OS MISSIONÁRIOS?

– Com a espada e com a chave.

Com a ESPADA: administrando a Palavra de Deus.

Com a pregação destrói-se o homem velho, imagem de Adão, e se forma o homem novo, imagem de Cristo.

– “Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19).

OS DANOS OU OS EFEITOS DO PECADO

(1) A IGNORÂNCIA

Quando uma casa está cheia de fumaça, quem nela mora não pode ver nem dentro, nem fora.

Não vê as coisas de dentro, isto é, não sabe discernir as coisas presentes, as coisas desta vida. Assim se chama bem o que é mal e mal o bem; se chama santo tudo aquilo que nós queremos (cf. Is 5,20).

Não vê as coisas de fora, isto é, as futuras, as coisas da outra vida. Pensamos que as coisas deste mundo têm um grande valor, enquanto as futuras as acreditamos insignificantes,

pequenas. Infelizmente, esta ignorância e incapacidade de discernimento não é sobre as coisas da natureza, mas dizem respeito à nossa salvação. É porém verdade que “por nós mesmos não somos capazes de pensar alguma coisa como provenientes de nós” (2Cor 5,5). Não obstante a nossa mente é muito fecunda de pensamentos!

## (2) A PERVERSIDADE DA VONTADE

Esta é uma conseqüência ainda mais desastrosa. Observa aquele ou aquela que não sabe nem pode pensar mais na alma ou em Deus! Que ignorância! Que incapacidade!

Diz S. Tomás que, por causa do pecado, a natureza humana tornou-se mais arruinada em relação ao apreendimento do *BONUM*, que ao conhecimento do *VERUM*. É pois desejável que um tenha a mente obtusa, se já tem uma vontade perversa.

Falo justamente do abuso da razão causado pela malícia da vontade: característica do mundo. Sim, é melhor a ignorância, ainda que ela seja um mal grave. Que grande mal é a malícia da vontade, se as trevas (da ignorância), em comparação, são mais desejáveis!

A vontade perversa se une com os desejos e as paixões desenfreadas, e este conúbio forma aquela tirania de que fala S. Paulo: “Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito” (Rm 7,23).

Lei viva, não morta, que à persuasão uma a violência: “e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros” (id.).

Lei tão enganadora que chega a fazer-se amar por aqueles que trata mais asperamente; lei pela qual o homem chega muitas vezes a transgredir a lei de Deus, fazendo um ídolo de si mesmo, elevado pelo amor próprio ao desprezo do verdadeiro Deus.

Este prejuízo é a herança do pecado.

Sobre o cúmulo de todos os pecados devemos acrescentar muitas vezes também nossas culpas atuais.

“Adão – escreve S. João Crisóstomo – contraiu uma dívida e nós acrescentamos outra conta nossos pecados sucessivos”. Os pecados atuais produzem desordens em que os comete, em proporção àquelas causadas na natureza humana pelo pecado original; isto é, quem peca reforça cada dia mais o mau hábito e piora continuamente.

Este mau hábito, nascido de muitos pecados, é o pressuposto para muitos outros, porque aumenta as trevas da ignorância, tornando-nos cegos. Assim não chegamos a ver nem mesmo o fulgor meridiano da fé. “Em pleno dia tropeçamos como ao crepúsculo” (Is 59,10).

Muitíssimos cristãos, mesmo sabendo que existe o inferno e crendo que um só pecado pode ser uma condenação, vivem tranqüilamente em situações pecaminosas e se deixam fechar a boca pela vergonha. Têm menos temor de viver que os pagãos e os turcos! Crêem nos sentidos que se enganam e não em Deus que não se engana; crêem na razão que se engana e não em Deus, depois que a razão concluiu que Ele não pode errar.

Acreditam no mundo, na carne, no diabo; só no Deus da verdade não crêem. E estas pessoas são ótimas para vender, para contratar, para cuidar da família, sabem prever a tempo os perigos e evitá-los, e depois... não sabem cuidar da alma. Isto é verdadeiramente coisa de loucos!

A perversão da vontade é o pior mal porque endurece sempre mais a vontade no mal. Conhece o mal e não quer fugir dele. Alguns se convertem na mente, mas permanecem endurecidos na vontade. Vêem o que é melhor, mas persistem no pior.

A Palavra de Deus suprime as trevas. Certamente, Deus poderia falar por si mesmo, no íntimo do coração, mas quer fazê-lo externamente, por meio de homens, preparando-os, através da submissão, para serem iluminados com maior vantagens.

São Paulo foi enviado a Ananias: “Vai a Ananias”. Escreve Santo Agostinho: “Não tememos a Deus se recusamos ouvir quem anuncia sua palavra”. “Ouve, filha, e vê” (Sl 44,11): de onde provém tanta dissipação nos cristãos? Da ignorância.

Porventura não erram os que maquinam o mal? (Pr 14,22)

E de onde provém a ignorância? Do não ouvir. Não basta a razão natural para conhecer as coisas sobrenaturais. Antes, falando delas só com a razão se nos apresentam ao contrário do que são, como se vê em tantos filósofos antigos e modernos convencidos de teorias erradíssimas, de portentosos erros. São menos sábios que um menino. “Sou mais sensato que os anciãos” (Sl 118,100). Mas não basta nem mesmo a fé sozinha. “Vossas palavras são uma verdadeira luz” (Sl 118,130). De outro modo não conheceríeis de Deus senão quanto é suficiente para ofendê-lo; saberíeis do pecado quanto é suficiente para cometê-lo.

#### A PALAVRA DE DEUS TIRA A PERVERSIDADE

“A Lei do Senhor é sem mancha, converte as almas” (Sl 118). Pecados e Palavra de Deus não podem conviver. Os primeiros cristãos, através da pregação, de feras se tornaram anjos. Não é a voz do homem que converte, mas a de Deus. “Eis que Ele fala, sua voz é potente” (Sl 67,34). “Não se assemelha ao fogo a minha Palavra?” (Jr 23,29).

“A Palavra de Deus é viva e eficaz”. VIVA porque tem sempre a virtude de agir. EFICAZ porque concretamente realiza o que quer e permite agir. A vida e a eficácia se fundam sobre a graça divina.

Deus pode enternecer os corações para poder neles escrever, suave e ao mesmo tempo com força. A Ele não resiste nenhuma obstinação da vontade. “Enviou a sua palavra para os curar” (Sl 106,20).

*(continua no próximo mês)*

(continuação)

– Os missionários operam com as CHAVES, isto é, administrando os sacramentos, que são as “chaves do céu”.

– “Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus” (Mt 16,19), para que as dê aos outros.

– De que modo?

– Por meio das missões.

(às objeções se responde com o artigo 65 do Sínodo de Pistóia).

Art. 65: “A afirmação que define como ‘alarido anormal’ (irregularem strepitum) as novas formas de apostolado que são chamada EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS ou MISSÕES; dizer que estas produzem só raramente ou talvez nunca uma total conversão; afirmar que as manifestações exteriores de comoção que acontecem, não são senão lampejos passageiros de ‘natural agitação’: esta afirmação é imprudente, mal soante, prejudicial e injuriosa para com o uso pia e salutarmente difundido em toda a Igreja”.

– A salvação da samaritana foi causada talvez por grandes acontecimentos? Não. Bastou pouco para salvar-se, como basta pouco para perder-se. A samaritana tornou-se santa porque encontrou-se casualmente no poço com Cristo, que sentava-se cansado e ali, interrogada por ele, entreteve por um pouco a vontade de pegar água, para ouvir brevemente sua palavra.

Mas se tendo visto Jesus não tivesse querido ouvi-Lo; se tivesse dito: ‘Agora tenho outras coisas para fazer, tenho sede, é tarde, já é quase meio dia; devo correr para casa a fim de cuidar de minhas obrigações’, não teria talvez jamais tido ocasião tão favorável.

De um pequeno começo talvez dependa a vossa felicidade eterna: vir a uma instrução, ouvir a estrofe de um canto. Santo Agostinho se converteu com o “toma e lê”.

Se não se desfecha o início, não se atinge nem o meio, nem o fim. Por isso a ocasião deve ser pega pelos cabelos. Imaginem um perseguido de morte: passa um cavalo correndo: se saltar sobre ele, escapa da morte.

“Portanto, irmãos, procurai tornar sempre mais segura a vossa vocação e a vossa eleição. Se fizerdes isto não tropeçareis jamais (1Pd 1,20).

O assunto salvação não se deve tratar como um passatempo, quando não se tem nada que fazer ou pensar. É um trabalho gravíssimo, delicado, tremendo, objeto contínuo dos nossos pensamentos. Escreve S. Pedro: “procurai tornar...” – é exigida, pois, diligência, empenho, esforço. “Procurai tornar sempre mais segura”: quanto mais fizerdes, tanto mais julgai-vos obrigados a fazer.

– Mas, me objetarão, a maior parte das pessoas não faz assim.

– É verdade, respondo. Porém o Evangelho diz que é espaçoso o caminho que conduz à perdição (Mt 7,13).

– São pouquíssimos os que assim fazem.

– Porém, “é estreita a porta que conduz à vida” (Mt 7,14).



Posso pregar diferente daquilo que Cristo pregou? Escreve S. Gregório: “Talvez o juiz anuncia uma coisa e o arauto proclama coisa diferente?”

– Quem teme o Senhor não despreza nada (Eclo).

– Quem despreza o pouco rapidamente cairá (Eclo 19,1).

Pouquíssimos são os que conhecem o que Deus faria deles, se por eles não fosse impedido nos seus desígnios. Pena que o Reino dos Céus não é para todos! Quem quer entrar deve mudar o passo, mesmo com todas as forças, evitando seguir os apetites errados que o fazem afrouxar. “Esforçai-vos por entrar pela porta estreita” (Lc 13,24). **CORTAR:** amigos – riquezas – reputação – e, se necessário, também a vida.

– “Apressa-te em salvar-te!” (Gn 19,22). “Quem te criou sem ti não te salvará sem ti”. Eclo: “Filho, cuida da tua alma e dá a ela a honra que merece”.

– Deus derrama todo seu sangue pela minha alma e eu nem uma gota de suor? É impossível salvar-se desse modo!

– Porque pretender tantos bens e alegria e tanta glória eternamente, e tudo a custa de Jesus?

– Porque não choramos com as Filhas de Jerusalém, se não queremos ajudar a Jesus a levar a cruz como o Cirineu?

– E nós pretendemos cultivar nossas vãs ambições, enquanto Jesus as desprezou para que nós pudéssemos reinar eternamente? É improvável! Pensemos gozar com prazeres e passatempos o que Ele nos mereceu à custa de tanto sangue? É impossível!

É caminho errado. Não se vai pelo caminho certo. Jamais chegaremos ao Reino.

“Vossa excelência grite esta verdade, pois a mim Deus tirou esta liberdade” (Santa Teresa).

### **COLÓQUIO:**

– “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos” (Mt 11,28).

– “Abre-me, minha irmã, minha amiga” (Ct 5,2).

– “Senhor, que queres que eu faça” (At 9,6).

– “Fala, Senhor, que teu servo te escuta” (1 Sm 3,9).



*Feliz e Santa Páscoa!*

EXCERTOS DE SÃO GASPAR BERTONI SOBRE O SACERDOTE  
(*compilados pelo Pe. Inácio Bonetti*)



A VOCAÇÃO SACERDOTAL

*A um bom tempo Deus nos ama*

Desde toda a eternidade Deus nos amou e decretou nos chamar. A um bom pedaço que Ele nos ama, e nós ainda não o conhecemos suficientemente.

Deus nos chamou com uma vocação santa: de tal modo que é capaz de fazer santos também os pecadores.

Se, pois, Ele é assim poderoso em chamar, e chama por dom gratuito da sua bondade, não a nada a temer.

*Uma cadeia de graças*

A graça da vocação é uma série imensa de graças. Esta série pode-se romper; e para rompê-la é necessário muito? Basta começar a não corresponder.

Aquela cadeia e aquela ordem de graças do Senhor, em uma alma que não corresponde logo se rompe.

A ORDENAÇÃO

*Consagrados a Deus e aos irmãos*

A imposição das mãos significa que o ordenando é consagrado e oferecido a Deus como vítima.

Saibam, pois, os sacerdotes que com a imposição das mãos são consagrados ao Senhor para dedicarem-se totalmente a Ele e para consumir toda a própria vida nos divinos mistérios, sobretudo em procurar a salvação dos irmãos.

*O impulso do Espírito Santo*

A imposição das mãos lembra também que aqueles que recebem as Ordens Sacras exercem todas as funções do seu ministério sob o impulso do Espírito Santo, e podem contar com Ele como guia das próprias ações.

UNIÃO COM CRISTO

*É Cristo que age no sacerdote*

Cada atividade do sagrado ministério, cumprida em força da vocação e da consagração sacerdotal, é obra do Cristo. É Cristo quem batiza, quem absolve, quem consagra por meio do sacerdote.

Por isso o homem deve aderir à mão do principal operante como instrumento vivo e escolhido.

#### *O sinal de Cristo*

O sacerdote é sinal sagrado, no qual deve reproduzir ao vivo a imagem de Jesus Cristo: de modo que ele por sua vez a possa imprimir nos outros.

Seja, pois, o princípio, o meio, o fim de nossa devoção. Aquele que é o princípio, o meio, o fim de todo poder e de toda função sacerdotal.

## ESCOLHIDOS DO MUNDO

### *Como São Paulo*

“O mundo está crucificado para mim, como eu para o mundo” (Gl 6,14). Se o mundo, embora eu seja padre, não deixa de concordar-se com minhas máximas, e eu concordo facilmente com as suas, não sou padre senão de nome.

É preciso que o mundo seja a minha cruz, como eu serei infalivelmente a cruz do mundo, se eu quiser comportar-me como verdadeiro sacerdote.

### *Existe também um mundo “padresco”*

“Obedeça com submissão de mente e com afeto de coração o seu bispo – é a lembrança deixada por Pe. Gaspar a um novel sacerdote. Obedeça o seu pároco. E qualquer coisa que a carne lhe sugira, ou o mundo procure insinuar em você, ouça e siga somente a Cristo, de cujos mistérios agora você é um feliz dispensador; sem olhar nem o mundo secular, nem o mundo “padresco”.

## A MISSÃO SACERDOTAL

### *O mundo nos é confiado*

Andemos pelo campo de nosso Senhor e consideremos atentamente como está ainda cheio de abrolhos e espinhos. Andemos pelo mundo, que é justamente o campo a ser trabalhado, e é confiado a nós.

Andemos por aquele campo, não como patrões, mas sim como trabalhadores; “com trabalhos e fadigas, repetidas vigílias, com fome e sede, com freqüentes jejuns” (2Cor 11,27).

### *Incendiemos este mundo gelado*

Sigamos Cristo nossa cabeça e os Apóstolos nossos guias. Incendiemos este mundo envelhecido e gelado, com um zelo ardente e uma abrasadora caridade.

O mundo tem necessidade de ver os traços autênticos de uma vida verdadeiramente evangélica.

## ESTILO MISSIONÁRIO

### *Fazer-se tudo a todos*

Não devo hesitar, eu sacerdote, de imitar o exemplo dos Apóstolos, chegar-me como eles aos pobres, a visitar os hospitais e os cárceres, a confessar os ignorantes, a prover os mais necessitados, a instruir as pessoas simples e rudes, a fazer-me tudo a todos, a cuidar da salvação de todos.

### *Privilegiar os mais necessitados*

A nossa caridade não deve fazer diferença entre pessoas cultas e ignorantes, entre nobres e plebeus, entre homens e mulheres, entre gente da cidade e do campo, mas deve esforçar-se indiferentemente para todos, com o critério de privilegiar quem tem maior necessidade: imitando sempre o exemplo de Cristo.

(...segue...)



EXCERTOS DE SÃO GASPAR BERTONI SOBRE O SACERDOTE  
(...continuação...)



O SACERDOTE E A PALAVRA DEUS

*Pregar com coragem*

A equipe de pregadores evangélicos deve movimentar-se com alacridade e coragem, como fizeram S. Paulo e os outros Apóstolos.

O bom pregador usa uma caridade forte, sem fraquezas. Não olhar tanto o efeito de suas palavras, mas ter fixo o olhar na missão recebida de Deus e nos deveres a ela inerentes, abandonando-se a Deus no que diz respeito aos resultados.

*Pregação e contemplação*

Quando antes não se faz bem a oração, não se pode falar bem de Deus.

É na oração que o pregador encontra o modo de sua pregação. Da divina contemplação, de fato, ele atinge aquela luz pela qual, enquanto atrai a veneração dos fiéis, está em grau de iluminar a mente de todos os ouvintes.

O SACERDOTE E A EUCARISTIA

*Permanecer em mim*

Eis o efeito da Missa nos bons sacerdotes: permanecer com gosto junto de Cristo; encontrar em Cristo o próprio repouso e o próprio contentamento; prestar atenção às divinas inspirações, fazendo calar em si mesmos as vozes das paixões e do mundo; seguir Cristo também nos perigos.

*Discernir o Corpo do Senhor*

Nós cada dia recebemos Cristo com a finalidade de poder nos divinizar; mas de fato não somos homens divinos, e talvez nem mesmo espirituais.

Aliás, certos padres não cuidam muito disto, e outra coisa não lhes interessa senão serem padres oradores, de cultura, homens de talento, de aparências, de negócios; em suma, padres do mundo, da carne.

Oh! míseros! Ai de nós que não discernimos o Corpo do Senhor! Quantas contas de tantas Missas!

## O SACERDOTE E A COMUNIDADE

### *O sacerdote e a comunidade*

É o sacerdote que regenera os fiéis no batismo e os faz transformar em membros do Corpo de Cristo. É ele que os nutre e os faz crescer mediante o alimento salutar da Palavra de Deus. É Ele que prepara cada dia o Banquete substancial e distribui o Pão dos Anjos.

Ao sacerdote Deus comunicou a autoridade de perdoar os pecados. E é ainda o sacerdote que apresenta a Deus, por obrigação diária, a oração oficial da Igreja para obter a todos paz e tranqüilidade.

### *A comunidade auxilia o sacerdote*

Todavia, também, o sacerdote é um homem igual a todos os outros por natureza e condição. E então, no mesmo ato em que o sacerdote auxilia os fiéis a obterem a salvação, deve ser também ele ajudado por sua vez a conseguir a salvação, mediante suas orações.

## MISSÃO SACERDOTAL E SANTIDADE

### *Ser santos para santificar os outros*

Fomos escolhidos não para que só nós tenhamos que servir a Deus, mas agir de tal modo que também os irmãos louvem e sirvam a Deus. E assim todos juntos possamos conseguir a salvação.

Mas como poderá santificar os outros aquele que não o é por si mesmo? Como poderá tirar da correnteza do mundo as almas quem não está com os pés bem firmes em uma grande santidade?

### *Carregamos nas costas um fardo enorme*

Para desenvolver bem as nossas tarefas devemos por fim à procura de nós mesmos e caminhar direito nos caminhos do Senhor.

Andemos com toda solicitude como pessoas que levam nas costas um enorme fardo; o peso dos nossos pecados e, mais ainda, do cuidado de todo o mundo.

## TENTAÇÕES DO SACERDOTE

### *O espírito mundano*

Onde está de fato o nosso progresso na perfeição? Procura-se progredir na carreira, nos encargos. Mas no que diz respeito à virtude, talvez sejamos calados em relação ao que éramos quando estudantes.

A ambição das honras e das dignidades é vício dos padres. Terrível paixão em um sacerdote, a vanglória, a inveja; e os padres nem mesmo as confessam!

### *O grande laço*

É preciso entender totalmente que o grande laço é a coisa, a que ficam presos tantos sacerdotes. Laço sutilíssimo o interesse, que apenas se deixa discernir. Feliz quem pode desatar este laço!

## SEMPRE JOVENS NO ESPÍRITO

### *Como Jesus no Templo*

Jesus permaneceu no templo para ocupar-se das coisas referentes à glória de Deus; como foi também a disputa com os doutores, por ele mantida com admirável modéstia, humildade, discernimento e zelo.

Ele nos deu assim o exemplo das virtudes que devem acompanhar o exercício dos nossos deveres sacerdotais na Igreja.

### *Deus nos quer sempre jovens*

É necessário afeiçoar-se a estes deveres desde jovens. Se não se começa desde jovem, os sacerdotes já idosos já estão cansados. É preciso rejuvenescer.

Também os anciãos dizem: “Irei ao altar de Deus, do Deus que alegra minha juventude” (Sl 42,4); porque Deus nos quer sempre jovens, não em idade, mas em fervor.

